

SUMMARIO

Texto:—Chronica, por Santilhana.—As memorias do daque Ernesto de Saxe-Cobargo e a familia real portugueza, por Pinheiro Chagas.—O theatro de S. Carlos, por D. Guiomar Torrezão.—O romance de um conspirador, conclusão, por Alberto Pimentel. Cãos e gatos, por Castor.—As nossas gravaras.—Pa...pá! conto, por Alfredo Mesquita. — Em familia (passatempos). — A rir—Um conselho por semana.—Cinmenta, conto, por Léon Allard.

Graveras: —O barytono Battistini.—O grande canal de Veneva.—O duque de Sparta e sua noiva, a princeza Sophia, da Prussia.—Pulpito n'uma mesquita de Ymnich.



CHRONICA

Que de coisas, santo Deus! Temporaes, thesouros descobertos, assassinios, incestos, desgraças, monstruosidades... Quasi que deviamos, d'esta vez, escrever a nossa chronica com sangue e lama, pois que lama e sangue caracterisaram a semana finda, imprimindo-lhe um aspecto triste, desolador, asqueroso, repugnantissimo.

lla temporadas assim.

E o nosso espirito, concentrando-se todo na analyse d'estes quadros de miseria e de crime, anda fortemente impressionado, profundamente aprehensivo, como se tivessemos acabado de ler alguma tragedia muito sinistra, algum romance emmaranhado e labyrintico onde o imprevisto nos salteasse a imaginação a cada instante.

Primeiramente, fóram os suicidios. Matava-se tudo, uns porque tinham fome, outros porque se viam deshonrados, outros ainda porque estavam avidos de sensações novas, muitos porque eram idiotas, alguns para se fazerem réclame, e varios... por coisa nenhuma. Houve quem se matasse por ver o proximo dar cabo de si, cedendo á influencia do exemplo, pelo simples contagio.

Agora, veem os assassinios. Já houve quem vibrasse as primeiras facadas. E ás primeiras, que atiraram talvez com um innocente, ou, quem sabe, se com um miseravel para a valla rasa do cemiterio, seguir-se-hão por sem duvida muitas outras, que, n'isto de crimes, mau é iniciar-se uma serie.

E, coisa notavel ! d'antes, o assassino procurava que a noite desdobrasse sobre a terra a escuridão do seu manto enorme, para se lançar, com um salto de tigre, ao pescoço da victima e asplixial-a n'um abraço de morte, ou enterrar-lhe no peito a lamina acerada d'um punhal. Havia, no criminoso, como que uns restos de pudor e de vergonha; matava ás escuras, na sombra, com receio d'affrontar as vistas da sociedade, os olhares da mul-

ficinas e nas repartições publicas. Não queria salpicar de san-

vergonha. Parece que até se faz gala em escolher para local do crime os sitios de maior transito; e quanto a hora, procura-se aquella em que o sol possa illuminar mais fortemente a hediondez do quadro.

Foi assim que, no dia 8 d'este mez, ás onze e tres quartos da manhã, em pleno coração da cidade, na rua do Ouro, a arteria de maior movimento e de mais vida, um homem assassi-

nou outro, varando-lhe o peito com tres facadas.

E' conhecida a historia d'este crime. Assassino e victima, dois varinos vendedores de jornaes e de cautellas; ambos novos, ambos casados. Manuel José Datos, o criminoso, desposára ha cinco annos Maria Saltóa, uma formosa mogoila de boas carnes, irmá de Domingos Chupello, o assassinado. Ao que parece, Maria, depois de entreter amores incestuosos com seu proprio irmão, de quem houve dois ou tres filhos, ministrou pequenas doses de veneno ao marido, na comida, roubon-o, e um bello dia abalou para a terra, onde vive maritalmente, com outro irmão, uma vida de desvergonhamento e de deshonra.

O desgraçado quedou-se por cá sosinho, a mourejar na sua faina de todos os dias, mas as beberragens ministradas pela mulher fóram-lhe fazendo perder pouco a pouco a saude, como a consciencia da sua deshonra, o seu ciume e o seu desespero lhe fizeram perder a cabeça, transtornando-lhe o cerebro.

A's vezes encontravam-n'o assentado aqui e ali, nas escadas, com os cotovellos fincados nos joelhos e a cara emmagrecida e tristonha apoiada ás mãos, chorando a sua desgraça, soltando phrases dosconexas.

Por fim, já não tinha alentos para trabalhar. Queixava-se de

que sentia o peito a arder, de que não podia mais...

Na manha de quinta feira comprou, por onze vintens, uma faca de chacinar porcos, esperou o cunhado, e enterrou-lhe cinco centimentros de ferro no peito, com a sanha d'um chacal.

Depois de preso, chorava a metter do.

—Não tenho ninguem por mim, dizia; nem pae, nem mãe, e a mulher fugiu-me, roubou-me, perdeu-me! Vejam se não é mesmo uma republica: os irmãos com as irmãs!...

Os irmãos com as irmás... o incesto... repugnante coisa! Se as declarações do infeliz não são apenas o producto d'um cerebro profundamente alterado, como alguns pretendem, e se ellas constituem a affirmação d'uma torpeza asquerosissima que se evidenciou em factos, que teve a sua historia fabricada de amores inconfessaveis, de concubinagens monstruosas e hediondas, de paixões abjectas e ruins, sejam as justiças uma vez dignas de si e da missão que exercem, não mandando abrir para Manuel José Datos as portas da Penitenciaria.

Se for apurado que elle endoideceu d'uma forma authentica, sequestrem-o, sim, ao convivio social, abrigando-o n'um hospi-

cio de alienados.

Se, contra todas as presumpções, estivermos em frente de

um scelerado perigoso, appliquem-lhe a pena condigna.

Mas se vier a provar-se, esminçando a historia d'aquelle ménage, que o marido de Maria Saltòa matou um miseravel nocivo à sociedade, um monstro em cuja alma depravada e negra nem sequer havia respeitos pelos laços da propria familia, então, não se persiga o assassino, dê-se a liberdade ao vingador, que a merece.

«Digam se não é mesmo uma republica: os irmãos com as irmás!...»

Deve de ser profundamente meditada esta phrase do desgragado Manuel Datos, o *Gago*, como por ahi o alcunham entre a enorme tribu de varinos seus companheiros.

Antes de ser praticado o crime da rua do Ouro, todas as attenções estavam presas ao thesouro descoberto na calgada do Carmo, como o estiveram, ha duas ou tres semanas, ao tristissimo caso de hydrophobia que victimou o pobre Allen.

Um thesouro escondido, uma riqueza occulta, desde o tempo dos francezes, aos olhos cupidos e profanos. Vejam se isto não é para fazer arregalar o olho até mesmo aos proprios favo-

recidos da fortuna!

Ha pobres diabos que levam toda a sua vida a sonhar com thesouros escondidos e a revolver a terra, aqui e ali, porque uma vos ignota e mysteriosa lbes segredou ao bicho do ouvido, ulta noita, entre os lencosa, no aconchese morso da casoa, con-

Pois Joaquim Martins, trabalhador das obras do tunnel, em serviço na demolição dos predios na calgada do Carmo, não sonhou com thesouros, e descobriu um sem querer, sem o esperar.

Coisas do, acaso!

Estava escondido no vão de uma escada, e a uma camartellada mais forte, começou a cabir d'ali para baixo, desenrolando-se em bellas peças de oiro, de duas caras, do seculo passado, em meias peças, quartinhos, cruzados... um dinheirão!

Joaquim Martins, o idiota, se havia de contentar-se com uma rasoavel maquia que podesse ser transportada a salvo no bolso, sem os reparos da policia, e entregar o resto ao dono legal, não senbor: assenhoreia-se de tudo ou quasi tudo— uns lindos 5:5615000 réis em bello metal reluzente—e vae-se por ahi fora, a correr, á luz do dia, sobraçando um embrulho enorme onde levava a riqueza toda—um priosito para a familia, como elle disse ao ser filado pela auctoridade descaroavel.

Ora, segundo o codigo, artigo 427.",

«aquelle que se apopriar de thesouro ou coisa escondida, em prejuizo dos direitos de terceiro, perderá a parte que aliás lhe pertenceria, a qual será applicada em proveito dos estabelecimentos de beneficencia popular da comarca onde o thesouro tiver sido achado.»

E ahi temos Martins, pela sua imbecilidade e pela sua cubiça até certo ponto desculpavel, outra vez pobre como Job, tal qual era antes do precioso achado.

E' para não ser tolo, seu Martins. Mettesse dinheiro na bol-

sa, mas sem dar nas vistas.

E, como lhes disse, a semana foi ainda caracterisada por temporaes e lama. Choveu copiosamente e ventou com violencia estranha, conforme predissera o astrologo saragogano. Agora, sim, que estamos em pleno inverno. Até que chegou, o monge carrancudo, o eterno freguez das pelissas caras e confortaveis.

Tão triste, o negregado!

SANTILHANA

As memorias do duque Ernesto de Saxe Coburgo e a familia real portugueza

O duque Ernesto de Saxe-Coburgo, duque reinante, em cujo delicioso palacio de campo esteve ainda ha pouco tempo S. Mo rei B. Luiz, escreveu no anno passado as suas Memorias, que foram acolhidas com immensa curiosidade pelo grande publico, mas com muito desagrado pelo principe de Bismarck, sujeito muito avesso a estas publicações a que se entregam os soberanos agora. Se o livro posthumo do imperador Frederico o irritou tão profundamente, já o livro do duque de Saxe-Coburgo o incommodára, tanto assim que lhe mandou dizer officiosamente—já se vê sempre por ordem do imperador—que achava preferivel que elle retirasse da venda o 2.º volume que já ia entrar em circulação. Assim, pelo menos emquanto viver Bismarck, não poderá o publico europeu regosijar-se com a leitura do 2.º volume d'estas Memorias, que deve ser ainda mais picante do que o primeiro, que já o não era pouco.

Mas parece que Bismarck tem uma certa razão. O nosso seculo é uma epocha de indiscripções, mas entre todos esses indiscretos mantinham-se sempre n'uma certa reserva os principes. Pois era pena, porque ha no mundo official sempre um abysmo entre os soberanos e os mais altos personagens da sua côrte. Para além dos quartos e dos aposentos em que os reis recebem mesmo os que privam com elles, ha outros em que só penetram os parentes e os intimos, que pertencem quasi sempre à mesma cathegoria. Ora n'esse reclato apertadissimo e affastado da scena política, muitas vezes se encontra a chave de algum problema insolavei para quasi todos. Os secretos d'esse

casa, em busca do bezerro de oiro, ficando depois a pedir por portas.

promettem sempre nevas reveluções. Ora Bismarck actus que tudo isso á muito bom, que o por está no seu pleno direito de esperar com anciedade essas revelações, mas que os principes é que teem obrigação de lh'as não fazer.

Quem poderia contar ao publico as fraquezas e as hesitaçoes de Birmarck e do proprio imperador Guilherme, senão um
principe que assistisse ás suas conferencias? Esse principe teve
o deploravel gosto de escrever Memorias, e foi assim que o
mundo soube, com verdadeira surpreza e com verdadeiro desespero de Bismarck, e com delirante jubilo dos Francezes, que o
imperador Guilherme, depois dos combates em torno de Metz,
victoriosos, para os allemães, masem que as suas perdas tinham
sido enormes ficára tão profundamente abatido que quizera
terminar a guerra; foi assim que o mundo soube tambem, e
também com surpreza, que, longe de ter partido de Bismarck a
ideia da fundação do imperio allemão, tivera-o essa ideia por
adversario.

Bismarck irritou-se profundamente com essa publicação, e lamentou provavelmente mil vezes que os principes tivessem agora a deploravel mania de confiarem ao papel e depois ao publico as impressões mais intimas das mais secretas conferencias. Já elle reputára perigosa a publicação das *Memorias* do duque Ernesto de Saxe-Coburgo-Gotha, posto que lhe não fossem pessoalmente desagradaveis. Mas o duque de Saxe-Coburgo toma effectivamente umas liberdades taes com os seus collegas de soberania, que não admira que os defensores do prestigio das instruções achassem inconveniente a publicação d'esse livro.

Não o lemos no original, mas fazemos obra por uma larga analyse que do livro se faz n'uma das melhores revistas inglezas, o Quarterly Review.

Assim, o duque de Saxe-Coburgo, contando a sua viagem a Hespanha e a historia dos *casamentos hespanhoss* do tim do reinado, em França, de Luiz Philippe, diz o seguinte, que nos deixou licar perfeitamente assombrados.

Conta que os candidatos á mão da rainha lzabel II de Hespanha eram o principe Leopoldo de Saxe-Ceburgo, o infante D. Henrique, filho do infante D. Francisco de Paula, e D. Francisco de Assis, irmão de D. Henrique. A mãe de D. Izabel, a rainha Christina, não vio com bons olhos a candidatura de D. Henrique, e ainda menos a de seu irmão D. Francisco de Assis, porque sabia que um casamento com este principe não podia ter esperanças de posteridade. Assim o diz expressamente o analysta inglez, fazendo o extracto da obra do duque Ernesto: His elder brother, Don Francisco de Assis, was even more distasteful te her, because she knew that a union with him must be without hope of posterity.

Tendo-se desenlaçado emfim todas as intrigas, fez-se o casamento da rainha D. Izabel com D. Francisco de Assis, casamento que foi fatal, diz o duque Ernesto, porque o novo rei consorte só poucos mezes viveu com sua mulher.

Poucos mezes só viveria com ella, mas o que é certo é que b. Francisco de Assis, ainda hoje vivo, foi o pai dos filhos de b. Izabel, entre os quaes se contava o fallecido rei D. Affonso XII. Ora, quando o duque de Saxe-Coburgo, conhecendo os resultados d'este casamento, vem dizer n'um livro publicado que a rainha Christina não queria esse casamento, porque sabia que elle não podia ter posteridade, e accrescenta que effectivamente o marido poucos mezes viveu com sua mulher, não se pode espantar de que lhe não deixassem publicar um livro em que faz tão estranhas revelações cuja authenticidade, é certo, nem por sombras affirmamos, mas que, se fossem mais conhecidas em Hespanha, alli produziriam um escandaio medonho.

O que nos interessa porém nas memorias do duque de Saxe-Coburgo é o que elle diz de Portugal, e folgamos devéras ao vér que esse maldizente, que não poupa nem os principes hespanhoes, nem o rei da Dinamarca, nem o rei da Prussia, não encontrou senão palavras de enthusiasmo para a familia real portugueza. De D. Fernando, não admira tanto que dissesse bem, porque era seu primo direito, e com elle fora educado como o fora seu irmão o principe Alberto, casado com a rainha de Inglaterra; mas pela rainha D. Maria II mostra elle um verdadeiro respeito.

A primeira vez que o duque Ernesto esteve em Portugal foi em 1840. Vejamos como o sen analysta inglez extracta as pala-

seu primeiro marido, o duque de Leuchtemberg, casára com principe Fernando de Saxe-Coburgo, primo em primeiro grau do duque. A côrte de D. Maria e do rei consorte apresentou ao viajante um quadro de paz e de prosperidade. Os disturbios da guerra civil estavam esquecidos. D. Fernando, homem de vinte e quatro annos, tomára definitivamente assento no paiz. O principe Ernesto conta nas cartas a seu irmão como Fernando consegue tornar-se agradavel a toda a gente, e a habilidade que elle tem para entreter na còrte a sociedade. Talvez possamos adivinhar aqui entre linhas um conselho amigavel. Descreve D. Maria de um modo muito mais favoravel do que está habitualmente admittido. Attribue a sua apparente frieza a um proposito firme, e põe em contraste o seu silencio em presença da corte, com a sua irreprimida loquacidade no circulo da familia. Retrata-a como uma senhora cheia de perspicacia e de originalidade. Acredita-se geralmente que a carreira de D. Fernando encontrou grandes embaraços por causa de uma camarilha allemă que tinha à sua frente Dietz, que fora preceptor e aio do principe. O duque nega isso e attribue a limpeza e a segurança da capital, assim como o melhoramento da agricultura á influencia saxonia.

Ao mesmo tempo a posição do rei era uma posição segura. Recebia todos em audiencia antes da rainha, e os visitantes iam apresentar-lhe primeiro os seus respeitos a elle.»

Está, em dois tragos, desenhado com felicidade o pae do sr. D. Luiz: D. Fernando com a sua amabilidade expansiva, que o duque Ernesto elogiava mas indicava entre linhas que devia ser menor para tranquilidade de sua esposa, tão sollicita comtudo em o cercar de todas as provas de consideração, como se vé por esse pormenor de etiqueta que o duque indica.

Voltou elle à Peninsula em 1846-1847.

«O duque, diz o analysta inglez, ao chegar a Lisboa, encontrou a situação ainda mais perturbada do que em Respanha. Estava rugindo uma lucta civil nas ruas da capital, e comtudo D. Maria passeiava tranquillamente nos suburbios, e era recebida com enthusiasmo pelo populacho. Eniquanto umas columnas de assalto estavam atacando o castello de Almada, a familia real bebia o seu chá no palacio de Belem, e a banda da fragata que fora-fundear defronte, para velar pela sua segurança, tocava uma walsa de Strauss. Parecia a rainha considerar o conflicto como um fogo de vistas; o rei consorte tomava-o mais a serio. O duque Ernesto attribue a attitude da rainha não á indifferença mas ao sentimento de ser superior aos partidos; e suppõe que, quando a intervenção ingleza favoreceu os septembristas e expulsou depois a camarilha allemã, envolveu-se mais a familia real nas questões dos partidos e reinou com menos paz e com menos dignidade. O rei dos belgas queixou-se a seu sobrinho de que os Inglezes se estavam portando vergonhosamente, e que haviam de deitar a perder Fernando como tiaham perdido Leopoldo: a politica de lord Palmestron, apesar de ser em geral favoravel à liberdade, não deixava de ser influenciada pelo genio e pela antipathia pessoal.

Ainda d'esta vez está bem apanhado o retrato da rainba com a sua descuidosa serenidade no meio do perigo; mas os commentarios políticos do duque mostram bem que viu tudo á superficie: a camarilha allemá a ter as honras da polícia e do aceio da capital, e do progresso da agricultura! a rainha superior aos partidos até 1847! e d'ahi por diante envolta nas suas discordias! Muito pouco perspicaz era o duque e muito mal ou muito superficialmente via elle o que se passava em torno de si! Tambem a sua preoccupação de Coburgo faz com que elle faça girar todo o mecanismo político do paizem torno da camarilha allemá que não teve importancia nenhuma, e que os partidos accusavam e atacavam emquanto não perceberam o genio da rainha, a sua superioridade varonil, emquanto não viram que ella se não importava para nada com o que podia dizer o sr. Dietz.

O livro, em todo o caso, é interessantissimo e pena é que não saia o segundo volume.

Pinheiro Chagas.

O THEATRO DE S. CARLOS

pouco mais do que almoçar, jantar e ceiar, só esse sabe que importancia suprema, incomparavel, acima de qualquer outra,

tem para Lisboa a inauguração da epoca lyrica.

A politica, que é a nossa unica preoccupação, a politica, que em Portugal annulla a arte, annulla a litteratura, e desloca do seu natural predominio a sciencia, só reconhece, como sua digna competidora, a Opera.

Ter uma assignatura em S. Carlos, equivale para qualquer senhora elegante, iniciada nos mysterios subtis do high-life, a

ter uma succursal no paraizo.

Não é, talvez, em rigor, o encanto ideal da musica, o hasrhisch das mulheres, como o denominaram os Goucourt, o que da a uma frisa de S. Carlos, no apreço dos que a possuem e mais ainda no aspero desejo dos que de longe a requestam, o vago aspecto de um nimbo ethereo, onde só entram os eleitos que podem subir para elle por uma escada de oiro...

A musica, a unica linguagem illimitada e sobrehumana que corresponde ás infinitas e incomprehendidas aspirações de uma alma, a unica voz na terra que possue o dom celeste de revelar-nos o paraiso, a unica onde o poeta encontra a modelação tangivel do sonho, a viva realidade da chimera estrellada; a musica acaricia o ouvido e mergulha-o docemente em uma especie de réverir em que os sentidos se crystallisam e as idéas se immaterialisam e depuram.

Mas o camarote da Opera, a preciosa moldura que recorta, em todo o esplendor marmoreo da belleza moderna, feita em collaboração pela natureza e pela arte, o busto da lisboeta chic, não lhe acaricia só o ouvido enlevado, acaricia tambem e lisongeia até à ebriedade o que a maioria das mulheres prezam aci-

ma de todas as coisas, -o seu amor proprio.

Desde que uma senhora figura na lista dos assignantes do theatro lyrico, ella tem por esse facto adquirido carta de naturalisação no High-life, ainda mesmo que a sua arvore genealogica entronque na rua dos Bacalhoeiros ou floreie vergonteas, mais ou menos degeneradas, pelos balcões da rua dos Algibebes.

Collocada em segunda cathegoria, como elemento attractivo d'esse grande acontecimento annual, nem por isso a musica deixa de constituir o culto fanatico, a seducção inebriante da

Lisboa que se diverte.

A abertura do theatro de S. Carlos é pois, sob todos os pontos de vista, uma solemnidade official, uma festa nacional, que reune na mesma sala, no mesmo interesse, na mesma ardente espectativa e na mesma espectaculosa exhibição, tudo quanto Lisboa encerra dentro dos seus muros de mais distincto, de mais intelligente e de mais opulento.

Faltar a esse rendez-vous ,que marca o advento do inverno,

corresponderia a uma abdicação.

E para não abdicar, só Deus e o Monte Pio poderiam dizer quantos sacrificios se fazem, a quantas transigencias se desce, quantos expedientes se adoptam e quantas humilhações se aguentam.

Figurar, ostentar, hombrear com os ricos, offuscar os pobres e ultrapassar o nivel dos medianos, eis a consigue da nos-

sa epocha.

E essa febre, de que todos em maior ou menor escala soffremos, essa febre symptomatica de um periodo de transição, proveniente de um profundo desiquilibrio social, em que tudo obedece a um convencionalismo dominante, em que tudo se occulta sob uma apparencia illusoria, em que tudo se inspira e se orienta por um formulario artificioso, apparece em S. Carlos, como em nenhum outro logar.

Mas, como já fiz notar, a fascinação da musica é quasi tão

intensa como a suggestão da vaidade.

Portugal tem muitos pontos de contacto com a Italia: o idioma sonoro, a indolencia nativa, o céo de um azul meridional, alagando de luz macia e tepida os laranjaes em flor, e o culto da harmonia.

Esse culto, por muito respeitavel que pareça, não deixa de ter o seu lado comico.

Como se sabe, o publico de Paris, um publico apaixonado por todas as questões d'arte, um publico litterario até à raix dos cabellos, um publico capaz de fazer uma revolução por causa de uma pagina de Zola ou de um sonete de Richepin, fre-

cathegoria, no meio das predilecções artisticas que o possuem

e o governam.

Desde Victor Hugo, que abominava os pianos, até Theodoro de Banville, que detesta a opera, contam-se em Paris, ás dezenas, os jornalistas, os escriptores, os poetas, os homens que vivem pela intelligencia, que vivem na elevada região intellectual, no mundo do pensamento onde os espiritos desdobram o vôo e pairam acima do vulgo, que nunca pozeram os pés na Opera.

A Opera, em Paris, é um dilettantismo da alta vida, não o dilettantismo dos virtuosi, capaz de immolar nas aras da cavatina ou da romanza os mais sagrados e iniludiveis deveres, mas o dilettantismo dos ociosos e dos argentarios, dos enfastiados e dos blasis, o mesmo que os leva a pagarem um ramilhete de mimosas por 500 francos, a pezarem a notas de banco uma casaca do Pool e a cearem no Café inglez iguarias, com o preço das quaes se poderia sustentar uma familia durante um mez.

Que importa à grande dame ou ao clubman, que só entram na Opera ás 11 horas para fazerem étalage dos brilhantes, para se mostrarem, para digerirem um optimo jantar, (como não ha senão em Paris), em um bom ambiente, para binocularem alguma estrella errante ou algum astro que lhe gravita na orbita; que lhes importa a elles, que não vão lá por causa da musica, que a musica seja impunemente retalhada pelas fifias-punhaes dos cantores?

Em S. Carlos, succede exactamente o contrario.

O elemento feminino, por maior que seja a satisfação da vaidade que lhe dá a evidencia da assignatura, nem por isso prescinde de ligar um interesse ancioso ao bom ou mau exito de um debutante.

Repetidas vezes, ouve-o distraida, conversa em quanto elle canta, flirta em quanto a prima-donna luta para aquecer a sala e arrancar-lhe o bravo espontaneo, tão caro ao ouvido do artista.

Mas apesar d'isso, apaixona-se, discute, segue, palpitante, as alternativas da recita, as altas e baixas da temperatura.

Na plateia, porém, entre os homens, esse interesse assume a violencia de um delirio.

Cada espectador é um juiz, hirto, grave, solemne, implacavel, prompto a condemnar sem appellação possível o réo ly-

rico, que ousar impingir-lhe gato por lebre.

Muitos d'esses juizes,-e aqui é que está a parte burlesca, -não sabem uma nota de musica, nem mesmo, se os sujeitassem ao interrogatorio tacito, a que elles implicitamente sujeitam os cantores, seriam susceptiveis de expor-nos a theoria do seu criterio ou de ministrar-nos uma prova, por mais simples, da justeza do seu ouvido.

Mas em geral, são precisamente os ignorantes aquelles que primeiro se pronunciam e se impõem, como autoridade, a massa do publico, que quasi sempre se deixa governar pelo melhor

ou peior regimen dos fauteuils.

Não raro, as sentenças d'esse tribunal improvisado, com magistrados de casaca, claque e rosa ao peito, são perfeitamente irrisorias e accusam o ascendente da roterie, alliado á incompetencia dos cretinos que presuppõem em si competencia para doutores.

Mas em todo o caso, essas sentenças pronunciadas em ultima instancia, avultam para lá das fronteiras, teem fama, teem mesmo um valor muito superior ao seu pezo, exercem pressão na balança onde se aquilata o merito dos cantores e veem precedidos do terror de se saber que foi d'ellas que baixou a pateada às Marchisios e ao Mongini, e que foram ainda ellas que soltaram um dos primeiros assobios irreverentes que assetearam os ultimos gorgeios do rouxinol de Craig y Noss!

GUIOMAR TORREZÃO.

O ROMANCE DE UM CONSPIRADOR

letreche apaixouira so sos vista anema

beer e Verdi a importancia que ella se arroga, o parisiense nem por inco deixa de l



O GRANDE CANAL DE VENEZA

a qual procurava suavisar-lhe as horas amargas da vida, que

eram todas ou quasi todas.

Mas como poeta e exilado, comprehendia a solidão dolorosa de Petracha em Valchiusa, á beira de cuja fonte o portuguez ia muitas vezes sentar-se juntando ideialmente as suas angustias ás do poeta que, tendo ali cantado um seculo antes, vivera solitario como elle e como elle perseguido pela fatalidade do destino.

Entrado o anno de 1489, o espirito de Fernão da Silveira principiou a ser assaltado por somhrios presentimentos, que elle baldadamente procurava reprimir.

Tinha frequentes accessos de colera, que o sorriso de seu filho, creança de pouco mais de oito annos, não lograva sere-

Imprecava violentamente D. João II, que continuava a deno-

minar o tyranno de Portugal.

Dizia muitas vezes a lzabel Rodrigues que a justiça do ceu havia de cahir tarde ou cedo sobre o tyramo, e feril-o na mais sensivel fibra do coração, se aquelle coração tinha alguma coisa de humano. Parecia que Fernão da Silveira adivinhava n'esse momento a catastrophe que, tempo depois, havia de victimar em Santarem o jovem principe D. Affonso, herdeiro da coroa.

Recommendava-lhe que, no caso d'elle morrer assassinado por ordem de D. João II, como presentia, educasse seu lilho no odio ao tyranno e no amor da liberdade.

Mostrava alimentar a esperança de que a sua morte e a dos outros conspiradores seria vingada pelo veneno ou pelo punhal na pessoa do rei.

Ainda n'isto se não enganon Fernão da Silveira, porque os intestinos de D. João Il parece terem cedido lentamente á acção toxica das drogas preparadas por mestre João de Masagão de accordo com o duque de Beja.

O inverno de l'489 havia sido cruel em toda a Europa. Estava-se em dezembro, os dias eram plumbeos, as noites tem-

pestuosas.

Fernão da Silveira dizia muitas vezes a Izabel Rodrigues:

-A cada silvo do vendaval sinto-me estremecer interiormente, como um predio que vai desabar... E' o presagio da morte, Izabel. Morro longe da patria, e longe da familia que eu constitui em tempos de felicidade. Morro ao pé de um filho, e tenho saudades de outro. O coração é assim feito. Foi o tyranno que me casou, porque na côrte dos reis poderosos nem o coração é livre. Nunca tive nem podia ter por minha mulher a febre de amor com que tu me incendiaste os sentidos. E' a ti que eu amo, boa alma, que tanto te tens doido das minhas dores. Vivo comtigo com o mesmo direito com que o tyranno abandonava a rainha para se ir emboscar em Cernache do Bom Jardim com D. Anna de Mendonça, a mãe do bastardo. Se alguem n'este ponto podesse tomar mecontas, não era porcerto o tyranno, tão fragil com mulheres. Mas da esposa que não amei nunca, tenho um lilho que sempre tenho amado, e peza-me que elle haja de arrastar na sociedade a infamia com que o tyranno enlameou profervamente o meu nome. Outro filho tenho... é o teu, é o nosso, lzabel, e d'esse me peza duplamente, porque só pode ser meu filho para compartir da deshonra do pai com o irmão.

Izabel Itodrigues acudia com palavras carinhosas a desviarlhe o espirito para menos lastimosos pensamentos, mas o coaspirador que dava-se triste, calado, dando a perceber que contimava mentalmente os raciocinios que a manceba meigamente

pretendera-interromper.

No dia 8 de dezembro, Fernão da Silveira lembrara-se saudos amente de Portugal, recordando com grande nitidez de memoria muitos episodios da sua vida da corte. Izabel Rodrigues tentou distrahil o; e como no ceu, anteriormente caliginoso, se fossem rasgando clareiras azues, lembrou-lhe que sahisse a passeio.

Dos labios do conspirador escaparam em resposta estas pa-

lavras presagas:

-Sahir! Procurar a morte!

Mas como se de subito se envergonhasse da sua fraqueza, disse a lzabel Rodrigues que sahiria.

Lembrou ella que levasse comaigo o filho, que bem podia

Silveira ia fallando de Portugal ao filho, gravando na sua memoria, a tragos de fogo, o retrato odiento do tyranno.

A' volta de uma rua, encontraram-se a pequena distancia com um fidalgo catalão, cujo nome e situação Fernão da Silveira muito bem conhecia. Era, como elle, um conspirador, que andava foragido de Castella: o conde de Palhaes.

O catalão, em vez de se dispôr a saudar Fernão da Silveira, levon a mão direita ao peito, insinuando-a no gibão. E ao passar junto de Fernão da Silveira cravou-lhe rapidamente um punhal no coração.

Não teve o portuguez tempo para resistir; cahiu desamparado na rua.

Mas o pequeno Alvaro, vendo o pai morto, desatou em gritos dilacerantes, que despertaram as attenções, e chamaram gente.

O conde de Palhaes foi logo preso, conduzido ao carcere em nome do rei de França, que não era já Luiz XI, porque Luiz XI havia morrido seis annos antes.

A opinião publica alvorotara-se com este acontecimento, pela significação que realmente tinha. Obraço do conde de Palhaes fora manifestamente armado por D. João II, que ao catalão fizera merce de muita somma de ouro, em que se primeiro concertou, como escreve Garcia de Rezende. Não podera o rei de Portugal ser feliz nas negociações que para haver á mão Fernão da Silveira entabolára com os reis catholicos e com o rei de França. Ter-lhe-ia sido por certo bem mais agradavel que essas negociações houvessem surtido effeito, porque lhe permittiriam vingarse do escrivão da puridade pelo seu proprio braço, como fizera ao duque de Vizeu, ou pelo braço do algoz, como fizera ao duque de Bragança. Mas, posto falhassem os meios a que primeiro recorrera, não desistira da vingança. Empregou outros, o da corrupção pelo ouro, sob promessa talvez de que, além do outo, a sua protecção salvaria o sicario.

N'este ponto enganou-se D. João II.

Morto Fernão da Silveira pelo conde de Palhaes, o rei de Portugal quiz effectivamente valer-lhe, como decerto havia promettido. Mas o mais que poude conseguir foi que a regente, em nome do rei de França, lhe commutasse a pena de morte em prisão perpetua.

E' natural que o catalão désse ao diabo a empreza, vistos os resultados. O ouro que recebera não podera ganhar-lhe a li-

berdade: e D. João II apenas lográra salvar-lhe a vida.

Alvaro Rodrigues, o bastardo de Fernão da Silveira, fóra conduzido a casa por pessoas compassivas que o acompanháram. Levava o fato salpicado de sangue do pai, e impressos para todo o sempre na memoria os pormenores do seu tragico assassinato.

A mãe abraçou-se chorando ao filho, e rompeu em apostrophes violentas contra o tyranno que assalariára o sicario para que elle, á luz do dia, perpetrasse um homicidio dentro da cidade dos papas.

Na memoria infantil do pequeno Alvaro condensaram-se, em torno da recordação do cadaver do pai, todos estes lugubres accessorios, que as lagrimas e os clamores da mãe a cada mo-

mento renovavam.

Quando a noticia chegou a Portugal, outra mãe, D. Brites de Sousa, esquecendo na sua dór as infidelidades do marido, recordou a João da Silveira, seu filho, a historia lacrimosa do pai. Era então menino de poucos annos João da Silveira, mas a recordação do pai, sempre avivada pela narrativa da viuva, fezlhe grave e triste o caracter. Demais a mais, João da Silveira herdára o talento poetico do pai. Foi, mais tarde, um dos glosadores dos serões da côrte, e um dos poetas do Cancioneiro de Garcia de Rezende.

Educou-o a expensas suas D. Diogo Lobo, seu tio, e também poeta.

D. Manuel, subindo ao throno, tratou de rehabilitar os conspiradores. A Fernão da Silveira rehabilitou-o na pessoa do filho legitimo, que começou a sua carreira publica por ir servir em Cafim. João da Silveira chegou a ser commendador de Montalvão, governador de Ceylão, trinchante de D João III, e seu embaixador em França. Morreu em Evora, e foi seputado na capella do Espinheiro.

Os dois filhos de Fernão da Silveira nunca se deram. A bastardia de um explica naturalmente o facto. Isabel Rodrigues, recolhendo a Portugal, não recorren à protecção de D. Britas de





O DUQUE DE SPARTA E SUA NOIVA. A PRINCEZA SOPHIA, DA PRUSSIA

CAES E GATOS

O pintor francez, Eugène Lambert, vae publicar em volume as reproducções dos seus famosos quadros de cães e de gatos. Annunciando esta obra, Alexandre Dumas escreveu ha pouco um prefacio brilhante de espirito e de fanthasia, em que confessa abertamente as suas preferencias pelos gatos, dando d'estas preferencias rasões especiosas e paradoxaes, que são uma injuria para os pobres cães.

«O gato é calumniado, diz elle; é moderno, porque era comprehendido e venerado nas sociedades antigas. Foi a ultima Revolução que o fez decahir e que glorificou o cão, procedendo ao advento dos ladradores, dos lambedores de pés e dos rai-

vados.»

Todo o brilhante prefacio do author da Francillon se pode resumir nas poucas linhas que deixamos escriptas.

Ora a verdade é que o gato não é diffamado nos nossos dias; talvez mesmo que nunca estivesse tanto em voga como hoje.

E porque? Porque é que as sociedades antigas o veneravam e os nossos contemporaneos o celebram? Terá elle qualidades que justifiquem tantas sympathias, tamanha adoração?

Mystico com os Egypcios, o gato é para elles o filho da Lua, d'esse astro fatal e infecundo, que só parece ter uma influencia

nefasta sobre as coisas humanas.

O que a superstição dos adoradores dos deuses mysteriosos vê n'ella, é a personificação perversa e maligna, a figura enigmatica da sua lris, deusa insensivel e sempre perigosa, que não promette o mai nem o bem, que encara o seu soffrimento com um sorriso man, a Ananké dos Gregos, o futuro Satan da Edade Média. Divinisaram-o por medo, aterrados pelo brilho dos seus olhos ver es, frios como o destino cujo clarão inquietador fulgura ao longe sem illuminar a noite do mundo, implacavel sempre.

Perverso e cruel com Baudelaire, o gato tem de Satan não a a malicia aggressiva, mas a depravação voluptuosa; encerra em si todos os instinctos perversos da alma humana, symbolo vivo dos nossos appetites inconfessaveis e das nossas alegrias doidas

e más.

Bohemio, preside à dansa macabra e grotesca da nossa sociedade desordenada. Com a sua esguia silhouette magra e tortuosa, mais negra que a noite, entrevista nas suas fugas fantasticas pelos telhados, com o seu dorso redondo, com a sua cauda arrebita personifica o nosso impudor, as nossas febres decadentes, as nossas ironias, ri de tudo quanto passa, fé, virtude, honra, fidelidade, confiança, amór; ri também de si proprio, da sombra estranha que projecta nas paredes a sua apparencia descarnada; ri da sua fome, do que ainda lhe resta de desejos e de esperança, ri do seu proprio sorriso.

Para Alexandre Dumas o gato é um aristocrata de typo e de origem; o gato respeita-se; não pede nada; não acceita o que se lhe offerece senão sob beneficio de inventario. Se toma o que lhe apresentam, considera isso como coisa que lhe era devida, pois que lh'a offereceram; e se lhe agrada, faz comprehender, por um movimento gracioso, que aceitaria ainda mais, de boamente. Até ahi, não é apressado nem hostil; conserva-se impassivel e neutral, desinteressado em tudo quanto se passa em volta d'elle, comtanto que lhe não façam uma provocação directa; em tal caso, retira-se lentamente e altivamente, se for um ataque, não sem ameaçar com as suas garras, ou espera e obser-

va, se for uma caricia.

A todos estes panegyricos de Dumas, o bom senso popular responde com o seguinte: a S. Roque, um santo previlegiado, dá-se um cão por companheiro, fazendo-se do gato o emblema do sabbat, o companheiro das feiticeiras e das bruxas. E' porque se acha o gato depravado, desconfiado, egoista e traiçoeiro. Traigoeiro, porque as suas caricias, quanto mais encantadoras são, menos seguras; egoista, porque só cuida de si, não prestando a ninguem o menor serviço; desconfiado por natureza e antes de ter sido enganado, porque suppõe nos outros o seu egoismo e a sua má fé; depravado, emfim, porque, se como o scu rival e eterno inimigo, não expôe em pleno dia, na rua, os seus encontros amorosos, a poite é testemunha dos seus idyllios baralhentos pelos beiraes dos telhados.

O bom senso popular admira o gato, quando é pequeno, pea pela sua graca unica; perdou-lha, ne

Diz Dumas que o cão é pesado, estupido, pouco aceiado, pouco conveniente. Será tudo isso; mas dá-nos sempre duas coisas inestimaveis: a sua confiança e a sua dedicação.

O olhar dos caes! como elle se fixa no nosso olhar, esforgando-se por ler n'elle, por n'elle procurar uma scintillação de interesse e de sympathia! Como elle lhe responde, como elle nos agradece! Que pressa de se dar, que alegria de receber!

Se o cão fareja em nos o inimigo da sua raça, um dos seus detractores inveterados, não nos ataca á traição: um salto para traz, uma attitude defensiva, um latido significativo previnemnos de que nos adivinhou. Mas se reconhece em nos um amigo, a sua ligação comnosco estabelece-se de prompto, estreita, profunda. Se lhe offerecemos um sorriso, um olhar indulgente, elle paga-nos logo isso com uma caricia; se estamos tristes, affaganos para nos consolar; se nos ameaça um perigo, previne-nos logo d'esse perigo, ladrando: se nos atacam, defende-nos, mordendo o aggressor. Em tudo nos mostra a sua affeição e a sua lealdade, trocando comnosco sorrisos, desvelos, caricias, pen-

E o que é essa troca perpetua senão amor?

Escreve ainda Dumas que o cão é servil até ao ponto de lamber a mão que o bate. E será isso uma prova de servilismo? Não é. A mão que elle lambe é aquella que lhe baten, talvez com rasão, para o punir d'uma falta, coisa que elle sabe reconhecer perfeitamente; mas sobre tudo e antes de tudo, é a mão do homem que elle ama, que o affagou hontem, a quem elle dedicou a sua vida e o seu reconhecimento, de quem conhece a affeição. Não se deixa bater por um estranho, submette-se tristemente a um amigo.

Minal, é como nos todos. Não beijamos nos, amando-a sem-

pre, a mão que nos vibrou fundos golpes no coração?

() gato!

O gato é um ser idiota, egoista, falso como Judas, mau por excellencia. Não nos affaga; affaga-se a si proprio. Perguiçoso e gulotão, ronrona para agradar aos donos, e olha de revez para os estranhos.

Brinquedo das mulheres sem maternidade, companheiro dos homens frios e egoistas, é um delator da vida concentrada. Jamais se verá um gato junto das esposas ternas e dos homens fortes. Veem-n'o, sim, junto dos que vivem sem familia e sem amigos.

Os Egypcios da antiguidade divinisaram o gato: o macho era deus da musica, talvez por causa dos seus mios, que lem-

bram a voz de certos cantores.

A gata era a deusa dos amores, por causa das suas unhas. sem duvida.

Richelieu professava por este felino uma particular affeição. Os seus vastos aposentos eram cheios de gatos, e na sua cama

dormiam quatro ou cinco.

Pela forma porque elle acariciava os seus bichanos, podia fazer-se idéa do estado do seu espirito. Se passava delicadamente a mão sobre o pello do felino, era signal de bom humor; se, ao contrario, as caricias eram sacudidas e violentas, mau ia o negocio.

() rei, que conhecia perfeitamente o seu ministro, perguntava sempre aos amigos de Richelieu, quando queria conversar

com este:

-De que modo affagou Richelieu os seus gatos?

Montaigne, o moralista, Colbert, o famoso ministro, e Fontenelle, o philosopho, andavam sempre rodeiados de gatos.

Este ultimo, que estudou muito os homens e os animaes, dizia:

-Gosto do gato, porque me faz lembrar o homem, na ve-Ihacaria.

Theophilo Gautier, Baudelaire e Paulo de Kock, adoravam os gatos.

Francisco Coppée tem cinco ou seis d'estes felinos, que sto seus companheiros de trabalho.

Nada o desculpará do sen egoismo nem das suas arranhaduras nos proprios amigos.

Entre nós, segundo diz a rox populi, ha duas individualidades, bem proeminentes, que desadoram os gatos, votando-lhes um odio profundo e figadal:—o sr. Latino Coelho e o sr. Marianno de Carvalho. O primeiro foge d'elles, a sete pés, como de coisa má e sinistra. O segundo passou parte da sua mocidade a dar-lhes caça—affirmam—não tendo nunca testemunhado a nenhum bichano a sympathia que hoje revela pelos moageiros.

Pois teem suas excellencias um tertius a partilhar dos seus

sentimentos pela raça felina: é quem isto escreve.

CASTOR.

AS NOSSAS GRAVURAS

O BARYTONO BATTISTINI

Damos hoje o retrato do eminente artista Mattia Battistini, que actualmente está fazendo as delicias dos nossos dilettanti no theatro de S. Carlos.

Mattia Battistini nasceu em Roma. E' filho de uma familia distinctissima.

Estreiou-se logo n'um dos principaes theatros de Italia e desde então tem feito uma brilhante carreira, cantando em todos os palcos lyricos de primeira ordem.

Era muito o que diziam a respeito do merecimento d'este artista; mas tudo o que se dizia era pouco, porque, estreiandose em Portugal n'um dia de gala, em que a etiqueta não permitte os applausos, Battistini foi por vezes, interrompido com bravos durante os tres primeiros actos da opera *Ernani*.

O illustre artista, depois de concluir o seu contracto em Lisboa, vai para a America com uma escriptura de 120-5000

francos.

O GRANDE CANAL DE VENEZA

Veneza, cidade italiana, edificada sobre um grande numero de ilhas pequenas, e em parte sobre estacaria, no Adriatico, é talvez a mais pittoresca de quan'as cidades existem, porque é de um effeito surprehendente ver a casaria surgindo do seio das aguas do mar. E' cortada de muitos canaes, atravessados de pontes. Além dos seus soberbos palacios, Veneza tem de notavel a praça de S. Marcos, a de Santo Estevão, S. Paulo, S. João e Santa Maria; a basilica de São Marcos, celebre pelas suas cupulas e as suas quinhentas columnas de marmore coroadas com os cavallos outr'ora trazidos de Constantinopla; os templos dos Jesuitas, da Salvação, de S. Jorge, do Redemptor, de S. João Paulo, do Santissimo Salvador: o palacio ducal, riquissimo de quadros e estatuas; os palacios Grassi, Grimani, Balbi, Rezzonico; a ponte dos Suspiros, a do Rialto, e que sei eu! Citar maravilhas em Veneza onde tudo é maravilhoso! Veneza tem uma historia riquissima; tomou parte activa nos negocios maximos da Europa, e chegou a ser um museu de preciosidades sem rival. Hoje, lá está, melancholica, mirando a frontaria das casas nas aguas limpidas dos seus canaes, ouvindo o marulhar das ondas que veem quebrar-se indolentes nas suas praias. A cidade é cortada por um canal, o grande canal, do qual damos hoje a estampa. Lá estão as gondolas venezianas, as lindissimas gondolas da rainha do Adriatico. Veneza é uma terra cheia de recordações; é uma cidade com infinita inspiração para poetas, abundante de mysterios para o romance, cercada de encantos para o artista.

> O DUQUE DE SPARTA R SUA NOIVA, A PRINCEZA SOPHIA DA PRUSSIA

Elle, è o hardeiro de throno da Grecie, per cero ilho primo

filha do fallecido imperador da Allemanha, Frederico III, e da imperatriz Victoria, e irmã do imperador reinante, Guilherme II. E' muito formosa e dizem-n'a dotada de raras prendas de coração.

A data do casamento dos dois principes não está ainda fixada, mas julga-se que será breve. A ceremonia deve ter logar na

cathedral d'Athenas.

Foi Guilherme II, o irmão da noiva, quem preparou este enlace, por occasião das suas recentes viagens.

E' claro que as conveniencias politicas não fóram alheias ao

contracto.

PULPITO N'UMA MESQUITA DE YMNICH

Os pulpitos nos templos egypcios, são de uma riqueza extraordinaria pelo acabado e bellezas dos ornatos.

Ao cimo da escada, que tem doze degraus, está a cadeira

do prégador.

A magnifica obra que a nossa gravura de hoje representa é uma das mais preciosas da arte mourisca. Só em Granada ou em Sevilha se pode admirar tão finos relevos e caprichosos arrendados.

PA ··· PÁ!

Aquillo, afinal, não fôra um casamento de vocação. No entanto, quando o pae lhe fizera a proposta, n'um domingo, de volta á casa depois da missa, explicando-lhe o deploravel estado dos seus negocios, que era a cruel ameaça d'uma proxima rnina, de que só o poderiam salvar os abundantes contos d'aquelle que elle lhe destinava para noivo, --um negociante rico, de pequenas suissas grisalhas ao longo das orelhas, grosso annel de brilhantes no fura-bólos, e sessenta e oito annos de edade,-ella não disséra que sim, nem disséra que não... Estava em frente d'um grande espelho, que era o seu intimo confidente nos segredos mais intimos da sua toillete; compunha com os deditos estreitos o seu elegante penteado; e olhando com uns brilhantes olhos redondos, muito negros e muito abertos, o seu bonito cabello, a sua carinha côr de rosa, agora levemente afogueada por ter subido a escada muito depressa, a correr, os seus beigos pequeninos e humidos, muito humidos e vermelhos, viu rolar-lhe; junto ao narizinho petulante de honeca, uma lagrima muito quente e muito funda, que ella, ao sacudil-a com a ponta da lingua, achou d'um sabor exquisito. Haviam-a acostumado áquelle caprichoso luxo que a cercava, desde que se erguia ao meio dia do colxão macio do seu leito caro, cheio de rendas e farto de setins, até que o seu corpinho elegante e bem vestido apparecia n'um camarote de assignatura no theatro de S. Carlos, para ser admirado atravez d'alguns binoculos que da sala dirigiam para ella. E agora, para que o seuquerido leito de ebano, onde dormira bons somnos e tivera bons sonhos, não acompanhasse o resto da mobilia da casa na venda torpe d'um leilão, é que ella era obrigada a associar-se indissoluvelmente, pelo casamento, a uma creatura que julgava ridicula, em todo o esplendor do seu annel de brilhantes, em toda a decrepitude dos seus sessenta e oito annos...

Casaram. Elle, muito além dos sessenta, ella, ainda longe dos vinte. Uma differença perigosa! Os primeiros dois annos de casados passaram-os sem que houvesse filhos; depois, um dia, acabando de segredar uma confidencia com a mamã, em que por mais d'uma vez se tornara rubra de vergonha, acanhada, a mamã, com um satisfeito sorriso, dizendo-lhe umas coisas ao ouvido, batera-lhe discretamente umas palmadinhas no ventre...

Chamaram Bébé, é claro, á creança que sete meses depois sorria alegremente em grandes bonbechas camadas, deitada nos braços d'ella. Bébé era um lindo petiz, rochunchudo e forte, muito brincalhão e meigo.

o posto de tenente. Ella, a princeza Sophia, nascen a 14 de junho de 1870. B' la



POLKA «TRÓ-LÓ-RÓ», POR JOSÉ MARIANNO FERREIRA

vir esse gracioso idioma que, na boca das creanças, parece dis-

tillar perolas em cantos argentinos.

Um dia que fazia muito sol e o ceu parecia mais azul, mamà resolveu que fossem dar um passeio ao Jardim Zoologico, para Bébé admirar toda aquella infinidade de hicharocos.

Fòram.

Mamã vestia um elegante vestido de fazenda escura, com uns bonitos enfeites de pellucia cór de perola. Bébé, ao collo da ama, uma sadia provinciana, toda branca na sua enorme touca, debatia-se muito vivo e muito alegre nas abundantes rendas do seu vestidinho azul.

No jardim havia muita gente que passeiava. Bébé, attentamente, demoradamente, examinava cada um dos muitos animaes, que vivem ali, longe da patria, nostalgicos e tristes, amarrados pelos pés, como papagaios, ou encerrados em gaiolas, como prisioneiros criminosos. Mamã, adivinhando a boa sensação que Bébé devia gosar á vista da gaiola dos macacos,

reservava-lh'a para mais tarde.

Correram tudo, viram todos os bichos. Finalmente, mamā achou conveniente não demorar mais a surpreza, porque Bébé começava a impacientar-se, rabujento já. Quando chegaram em frente da gaiola, os macacos, animados por aquelle bom sol que llæs entrava em jorros pelas grades dentro, recordando-lhæs os longiquos dias da sua passada vida, aquecidos por um sol africano, mais dourado e mais ardente, faziam doidices de toda a especie, pulavam, iam, vinham, subiam ao tecto, dependuravam-se nas campainhas, gritavam, guinchavam, silvavam, faziam mil macaquices.

Bébé, aos pulos, n'uma alegria frenetica, batia atabalhoadamente as palmas. De repente, d'um canto da gaiola, appareceu o maior de todos os macacos, que até ali faziam a admiração de

Bébé.

Era um soberbo macação, de pellos compridos, tristonho e molle. Chegou ao meio da gaiola, sentou-se sobre as pernas pelludas e tropegas, e elevando uma das mãos á altura da cabe-

ça, coçou devagar o ponteagudo cerebro.

Então, toda a alegria de Bébé, infantil e inconsciente, pareceu redobrar. Bébé, apertando as pequeninas mãos fechadas, queria saltar do collo da ama, que se esforçava por aguental-o. A sua boquinha vermelha abriu-se n'uma gargalhada em que lhe appareciam os dentitos, e Bébé, ali, á vista d'aquelle macação, que se coçava ociosamente no meio da gaiola, pronunciou, distinctamente, accentuadamente, separando bem as duas syllabas, a sua primeira palavra—Pa...pá!

A mamã, doida de alegria, tornara-se encarnada...

Alfredo Mesquita.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

Dona Thereza Pimenta, Que já orça p'los setenta E que em milagres tem fé, Acordou em certo dia A uma sexta, que arrelia! Co' uma forte dór n'um pé.

Não tinha a dór, de se ir, pressa, Por isso ella fez promessa — Após fermentaçãosinha,— De, no dia em que a tal dór — 1 A largasse, ir ao Senhor Sant' Amaro, descolcinha.

'Stando já boa a velhota E sendo fiel devota, De cera, com um pésinho, Eil-a, sem calcado qu'rer, Para se dar o cavaco!— Espetar de vidro um caco Mesmo na palma do pé!

Volta ella, em raiya espumando, Para casa, coxeando, E com tudo e todos brama; Por causa d'aquella f'rida, D. Thereza, mettida, Steve mais d'um mez na cama.

MATHELS JUNIOR.

Certo brazileiro rico, Mas plebeu de condição, Entendeu que o melhor meio De tornar-se um figurão,

Era comprar um titulo, Montar casa d'estadão: Por esto mundo de Christo Sempre ha cada toleirão!... -2

Conseguiu o seu intento O brazileiro ratão, Mas passado pouco tempo. Succumbiu a uma lesão.—3

Levou um lusido enterro. Té na morte paspalhão, Foi enfeitado p'ra a cova Qual outro Napoleão!

E' caso para espantar. Mas vê-se, no Senegal, Joyens de mui nobre aspecto, Formosuras sem rival! 1

En conheco uma belleza, Tambem lá do Senegal, Que pertence com certeza A nobre familia real.

Tambem se yé em Leiria -1 Liadas joyens seductoras, Fascinantes, attrahentes, Graciosas, tentadoras.

Faro.

M. CAROLINA CRISPIY.

Decifrações

Só damos hoje a decifração da primeira charada do nosso ul timo numero, que é Aparador,

Das outras charadas e enigmas pedimos aos seus auctores a fineza de nos enviarem sem demora as decifrações, para que possamos dal as no proximo número.

A RIR

X... consulta um seu amigo sobre o tratamento que deve fazer seguir á sogra, muito gravemente enferma.

-Devo chamar um allopatha ou um homepatha?

-Eu te digo: tão bons são uns como são outros; os allopathas matam os doentes e os homœpathas deixam-os morrer...

-N'esse caso, chamo um allopatha; assim, a pobre mulher soffrerà menos.

Estando perte da ermida E indo a rezar entretida,

-Não ha nada a fazer, mormora ollo; veja: até já tent a

-Mas é que meu marido, redargue a esposa do pobre bo- 1 mem, é tintureiro!

-Sim? Pois é o que lhe vale, torna o esculapio. Se não fosse tintureiro estava morto d'aqui a cinco minutos.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONTRA O DEFLUXO

Para fazer desapparecer o defluxo nazal, convem cheirar um po assim preparado:

lodoformio em	po.	 													grammas
Camphora em	po.							*	 -		*			.,	n
Goanna em pe)		٠			. 4								.,	n

CIUMENTA

A victoria roda a trote largo pela estrada; cavallo de sangue, cocheiro correcto, arreios brilhantes, dão uma impressão de luxo, de bom tom, de casa bem posta.

A joven senhora deixa voar o pensamento á corrente da marcha rapida. Vestido claro de dia de sol: sob as rendas transparentes, parece uma nympha captiva nas malhas de uma rede.

Perto d'ella, o pequenino Roberto, rapazinho galante, quatro annos e longos cabellos encaracolados, mexe sem cessar, n'uma agitação de saltitante vida de passarinho, e falla tanto como mexe, atormenta a mãe para que lhe responda.

—E' amanhă que tu vaes a Paris?... Dize, mamă, é ama-

nhà? Mamà... Mamà... dize!...

Distrahida, mas sem impaciencia, com uma caricia, ella responde:

—Sim, anjinho, amanhā.—Mas como quem pensa:—Não, não... não sei ainda... sobretudo não vás dizer ao papá... E uma surpreza...

· Com uma nova caricia, um beijo na pequenina fronte levantada, ella repete-a sua recommendação. O pequeno-olha-a serio, durante um segundo, sem dizer palavra. As creanças teem d'esses silencios, durante os quaes sondam a verdade das nossas palayras

Mas logo ella caiu no seu sonho. Quinze dias antes, a chegada ao campo, a posse, a alegria de tornar a ver as pelucias, o parque, os ribeiros alongando a agua, cantos da natureza ha muito conhecidos, amados de ha muito, verdejante decoração da sua infancia, da sua mocidade, agora testemunhas da sua felicidade de mãe. Tambem as visitas, Roberto seguindo-a por toda a parte, à horta, ao jardim, à leiteira, mesmo aos celleiros. «Quando eu era pequena... quando tinha a tua edade...» E a sua infancia evocada apparecia-lhe, de novo, como que a recomeçar a desdobrada na de seu filho.

Encantador em verdade tudo aquillo durante uma semana; mas como depressa se apagaram as primeiras e doces sensações da volta ao campo! Agora vem a tristeza de estar isolada, sem marido desde manhã até à noite, como uma meia viuva. Sobre esta melancholia paira uma ligeira nuvem de inquietação. Que fará elle todo o dia? Sem duvida, os negocios, a casa bancaria, as entrevistas... Mas os maus exemplos, as distracções... Não é necessario receiar sempre da fidelidade fragil dos homens?

Ella ama-o, o seu marido, sabe-se por elle amada, e no entanto, desde que lhe acudio essa idéa que elle a poderia engunar-tho facilmente, sem que ella o salba!-e uma tortura, um tormento, uma nervosa angustia. Para se curar resolveu ir um dia, no dia seguinte, surprebendel-o a Paris.

levanta as orelhas ao barulho do vapor e ao assobio da locomo-

Roberto, de pé no banco da carruagem, grita, bate as mãos alegre de reconhecer o pae, que lhe faz signal por uma portinhola. E eil-o, o papá, o primeiro dos passageiros que saem. Um homem alto, cheio, figura aberta, sorridente, emoldurada de suissas louras. Ar de boa pessoa. Com presteza sobe para a victoria, toca na mão de sua mulher, beija o filhinho. Agarra no pequenito entre os joelhos, e é adoravel esse grupo de tres que a carruagem leva; é como uma visão, um meteoro de vida feliz que passa na riqueza estival das searas, das rosas, das verdes vegetações, das planicies bordando a estrada.

Primeiro as perguntas: Que fez elle esta manhã? Onde almogou? Depois onde foi? . . . Elle conta o menu do seu dia, todo o detalhe dos negocios, das entrevistas, olhando a com um sorriso cheio de bondade, muito affectuoso, mas um pouco zangado, porque elle adivinha nas perguntas o ciume latente que não ousa

exprimir-se.

Toma a mão d'ella, ternamente, e aperta-a:

—E' bom voltar para casa, encontrar-mos-nos juntos. São tão longos, não é verdade, estes dias sem nos vermos?

Docemente commovida, ella responde:

-Muito longos, muito longos, em verdade!...

Mas n'este momento a carruagem faz voar uma pega, e a vista d'esse passaro branco e preto, o seu grito discordante evocam n'ella a importuna lembraça de um rifao camponez.

-Uma péga! Mau agouro!

A' tarde, depois do jantar, o senhor, como todas as tardes, foi fumar, sentado n'um banco, no jardim. Bella noite de verão. o ar é temperado. Roberto tem licença de meia hora antes de ir deitar-se, mas em vez de brincar, vem ter com o pae e marinha-lhe pelo joelhos. Cavaqueiam juntos como dois homens, como dois bons camaradas, cavaco discreto, confidencial, cortado por vezes de grandes gargalhadas. A mamá approxima-se, calam-se. Ella dá o signal de deitar, e Roberto abraça-os com a mesma ternura a ambos.

O marido levanta-se, offerece-lhe o braço e ahi vão elles com um passo lento de passeio, sob a sombra espessa de longas arvores. Um silencio bastante prolongado, parecendo cada um recolher em si as impressões suaves da noite. Depois, como ha pouco, a senhora interroga, mas já não é-«o que fizeste hoje» —é —«o que farás tu amanhã.»

Com toda a certeza não se enganou, ao vêr que elle responde hesitante. Ha nas suas palavras um certo embaraço. Oh! os seus presentimentos! As suas desconfianças realisam-se, a sua

resolução está tomada. Irá, sim, amanhã, a Paris.

Elle, no entanto, por sua vez:

—E tu, amanhã, o que tencionas fazer?

Não é como se elle acabasse de lêr na sua alma? Não pode deixar de corar ligeiramente.

—Nada... Como hoje... como sempre.

Calam-se e o passeio abrevia-se. Entre elles passon o frio de uma desconliança reciproca.

De mauhà, no quarto, as persiannas fechadas, os reposteiros corridos-bonitos reposteiros de folhagem azul em fundo còr de rosa-elle, já levantado, está vestido, prompto para partir; nos bicos dos pés, approxima-se da cama, curva-se e com um florescente beijo, sopra um adeus ao ouvido da bella adormecida.

Quasi inconsciente, meia a dormir, ella murmura:

-Partes... tão cedo?

—Parto. Um rendez-vous esta manhã. Negocio urgente.

Adeus, minha querida.

Fora, faz dia claro, os passaros cantam ha muito, o sol vae ja alto no horisonte. A caminho da gare! Com um passo ligeiro, eil-o que se vac. E' tão bom, o passeio matutino! Respira largamente, feliz da vida.

Na sua physionomia traço algum de tristeza, a mais peque-

na saudade de deixar o ninho conjugal.

De ves em quando, se controrio, um sorriso vencedor, un

cto. Teria tempo de reflectir, de renunciar aos projectos inconfessaveis, que são o segredo do seu pensamento. Mas são tão sem coração, os homens? tão fracos contra as tentações culpaveis!

Ao apear-se, depressa uma carruagem—Cocheiro á hora. «Primeiro a um restaurante onde encommenda pratos appetitosos; d'ahi, a uma floresta, onde compra quantidade de flores diversas e um delicioso ramo de pequenas rosas chá».

—Cocheiro, 31, Boulevard Malhesherbes, depressa. () que! em casa d'elle?... Sim, em sua casa, no domicilio conjugal. E' ahi que, sem remorsos apparentes, sorrisos nos labios, um ar de mysterio, elle introduz pacotes e ramos de contrabando.

Reflecte: Elle està a chegar... não tarda... E' necessario surprehendel-os. Despresal o-ha o prejuro, e a outra, a outra... Oh! essa!... Barulho á porta. O coração batendo, entra na sala e só tem o tempo de se occultar sob um reposteiro.

E' elle, mas vem só. Limpa a fronte, senta-se. Murmura, a meia voz—Estava com medo de chegar tarde... ella ainda não veiu. Com o habito de um homem que não sabe esperar, tira um objecto da algibeira. E' um estojo. Colloca-o ao pé do ramo.

Como ella o detesta, n'um momento, o marido mentiroso!



PULPITO N'UNA MESQUITA DE YMNICH

Com um cuidado de amante, elle proprio dispõe, sobre a grande meza da casa de jantar, um almoço de apaixonado, as duas cadeiras muito proximas uma da outra, o mais proximo possivel. As flóres guarnecem a mesa, espalhando pela casa perfumes embriagadores, e no logar da esperada, o ramo de rosas chá delicadamente collocado em cima do guardanapo branco. Tudo está prompto, contente com a sua obra,—o scelerado—contempla-a um instante e esfrega as mãos de satisfação. Depois puxa pelo relogio: «Dez horas. Não virá antes de uma hora. Tenho tempo de ir ao meu rendez-vous com cousa!»

Se no entanto sua mulher visse isso! Se ella visse esse almoço accusador! E ella o vera, assim o quer o destino.

A porta abre-se. B' ella que entre. Vein a Paris para o surprehender. Não podia escolher melhor dia.

Ohl era bem verdudel os seus presentimentos!... Us bra-

De pé, diante da janella, ella espreita a chegada da sua cumplice.

—Deveria já ter chegado... Se ella não visse... Roberto no entanto contou-me... Ouviu ella bem? Roberto e seu filhinho, o seu querido!... Esse nome mente alumia-lhe o espirito torturado... Elle, no entanto, continua, n'um tom de desaponta.

-Como ella ficaria surperhendida, querendo surprehender-me!

Não ha duvida. A esperada era ella. As rosas, o estojo... é para ella.

Uma gargalhada nervosa faz com que elle se volte, e encantado veja diante d'elle, a mulher que ri e chora a um tempo. Agarrada ao seu pescoço, a cabeça encostada ao seu hombro, ella balbucia entre o seu riso e as suas lagrimas:

—Oh! queride... querido... que tive medel... E ha pou-

-Não me amavos cotão ha poucal ... E agora?